

ELISABETE PEREIRA PALHARES DE CARVALHO

**ANÁLISE DOS ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS
TEXTOS LENDÁRIOS DO FOLCLORE BRASILEIRO:
“MEDO DE SACI” E “A IARA”, DO LIVRO “O SACI”, DE
JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO
CURSO: LÍNGUA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO - SANTA CRUZ
JABOTICABAL – SP
2010**

Recebi 1 via e CD.
S^{to}. Antônio 8/12/10
Manoel de G.

ELISABETE PEREIRA PALHARES DE CARVALHO

**ANÁLISE DOS ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS
TEXTOS LENDÁRIOS DO FOLCLORE BRASILEIRO:
“MEDO DE SACI” E “A IARA”, DO LIVRO O SACI, DE
JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial
para a conclusão do curso de Pos-Graduação *Lato Sensu*
em Língua Portuguesa – Compreensão e produção de
textos.**

Orientadora: Professora Rafaella Berto Pucca.

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ
JABOTICABAL – SP
2010**

AGRADECIMENTOS

Aos meus amores: Marcelo e Lucas, por toda a compreensão e carinho dedicado este trabalho.

Escrever é gravar reações psíquicas. O escritor funciona qual antena - e disso vem o valor da literatura. Por meio dela, fixam-se aspectos da alma dum povo, ou pelo menos instantes da vida desse povo. Monteiro Lobato (Na Antevéspera, prefácio à 1ª. Edição, 1933)

RESUMO

A partir das leituras dos contos lendários do folclore popular “Medo de Saci” e “A Iara”, do livro O Saci, editado em 1921, este trabalho pretende analisar a obra infantil de Monteiro Lobato referente ao aspecto do folclore popular e compreender qual o sentido na análise desse tema em relação ao conjunto literário de sua obra para as crianças. Monteiro Lobato, traduzido no mundo inteiro, com seus 17 volumes de livros infantis chegou a editar vários textos baseados no folclore popular, servindo como base a partir da qual os jovens leitores aprendem a valorizar a nossa cultura e a literatura infantil, na forma como suas histórias são contadas. Buscou-se também, evidenciar em que medida a construção literária na obra desse maravilhoso escritor contribuiu para o desenvolvimento do mundo e da autonomia dos pequenos leitores, resgatando o diálogo com questões atuais conforme descritos nos textos da obra em análise. Ademais, as lendas e mitos fazem parte do folclore popular servindo para explicar como as histórias contadas por pessoas e transmitidas oralmente através dos tempos, misturando fatos reais e históricos com acontecimentos que são frutos da imaginação, possuindo nas narrativas um forte componente simbólico. Após uma breve explanação, vamos demonstrar através da análise da estrutura narrativa a forma escrita dos textos, expressão, bem como, o contexto literário em que as obras foram narradas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 - JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO E SUA OBRA NO CONTEXTO LITERÁRIO INFANTIL BRASILEIRO, EM ESPECIAL, O CASO DO FOLCLORE POPULAR	8
1.1 - Literatura infantil – caráter lúdico e contribuição de Monteiro Lobato no ensino pedagógico literário.	13
2 - TEXTOS LENDÁRIOS DO FOLCLORE BRASILEIRO: “MEDO DE SACI” E “A IARA”, DE JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO	18
3 - ANÁLISE DA ESTRUTURA NARRATIVA DOS CONTOS “MEDO DE SACI” E “A IARA” DE JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO.....	25
3.1 Enredo	25
3.2 Personagens	27
3.3 Tempo/Espaço	28
3.4 Narrador	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

O escritor paulista José Bento Monteiro Lobato é, sob o ponto de vista didático completo, com seus livros de conteúdos fascinantes. A maioria das narrativas da obra literária: “O Saci”, editado pela primeira vez em 1921, ocorre no universo mágico do Sítio do Picapau Amarelo, inclusive no que diz respeito aos temas do folclore popular brasileiro. O presente estudo tem por finalidade penetrar em alguns aspectos da obra de Monteiro Lobato através dos contos “Medo de Saci” e “A Iara”, publicados na década de vinte no livro “O Saci”. Estudar e pesquisar a literatura de Lobato proporciona ao pesquisador um acréscimo imenso diante de todo o conteúdo que a obra possui. As histórias de Monteiro Lobato agem como um exercício preparatório para o futuro, uma vez que a criança adquire noções primárias sobre o meio ambiente através de contos de conteúdo dramáticos que possuem uma linguagem moderna e inovadora. Como todo grande escritor, Lobato oferece um grande acervo de informações atraindo o leitor e abrindo as portas para a criatividade. A obra de Lobato proporciona o resgate da herança do passado no presente e o rompimento com o tradicional padrão europeu nos livros infantis.

1 - JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO E SUA OBRA NO CONTEXTO LITERÁRIO INFANTIL BRASILEIRO, EM ESPECIAL, O CASO DO FOLCLORE POPULAR

José Bento Monteiro Lobato – notável escritor e grande mestre da literatura brasileira, nasceu na cidade de Taubaté, interior de São Paulo em 1882 e faleceu nesta capital em 1948.

Monteiro Lobato foi o pioneiro de uma linguagem literária infantil, rompendo com barreiras literárias vinculadas aos padrões europeus, tornando-se também, editor de livros no Brasil. Esse brilhante escritor recriou a literatura infantil adaptando-a ao público brasileiro, tanto na linguagem, quanto na matéria que lhe servia de tema, trazendo um nobre sentimento de nacionalidade na literatura brasileira.

A grande produção desse renomado Autor abrange além das obras originais, adaptações e traduções. A qualidade na literatura infantil era uma constante preocupação de Monteiro Lobato, mesclando instrução e educação no intuito de fazer da literatura infantil um veículo de informação e formação intelectual. Em correspondência a Godofredo Rangel, datada de 1916, o escritor relatava sua preocupações literárias:

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas do Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no sub consciente para ir-se revelando mais tarde, a medida que progredimos em compreensão. Ora, uma fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. (Lobato, 1957, p. 104).

Dessa forma, podemos perceber que tais palavras escritas ao amigo guardavam intensa preocupação com os interesses dos pequenos leitores, desejando nosso

querido Lobato modificar os problemas ou podemos dizer, adaptar a produção infantil, culminando em uma obra verdadeiramente singular, que é o que nós conhecemos hoje na Literatura de Lobato.

Na década de 20, mais precisamente em 1921, em “A onda verde”, obra de Lobato publicada pela Editora Monteiro Lobato e Cia, o escritor, após uniformizar diversos artigos e crônicas publicados em revistas, procurou abordar questões relativas às falhas no processo da leitura e explicar a falta de respeito à individualidade ou ao gosto pessoal, discordando dos métodos de ensino e criticando o trabalho de leitura realizado na escola:

O menino aprende a ler na escola e lê em aula, à força, os horrores livros de leitura didáticas que os industriais do gênero impingem nos governos. Coisas soporíferas, leituras cívicas, fastidiosas patrióticas. Tiradentes, bandeirantes, Henrique Dias, etc. Aprende assim a detestar a pátria, sinônimo de seca, e a considerar a leitura como instrumento de suplício. (Lobato, 1957, p. 84).

Conhecendo as grandes preocupações de Lobato no universo literário infantil brasileiro, podemos compreender as razões que o levaram a admitir em seus textos a voz e a visão da criança, abrindo um leque de escritores brasileiros que se enveredaram por esse caminho, no campo da literatura infantil brasileira: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, João Carlos Marinho, Ziraldo, etc.

Criativo e inteligente, Lobato tinha a fantástica fórmula de contar histórias tentando explicar a vida através das ações e fala de seus personagens. Dessa forma, podemos observar que em suas narrativas fabulosas das lendas e mitos regionais ele dava-lhes vida, estimulando o interesse dos pequenos leitores e imprimindo sua marca nos sonhos dos brasileiros.

Com esse caráter transformador na Literatura infantil, Monteiro Lobato rompeu com o círculo de dependência com os padrões literários europeus, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. O termo folclore significa o conjunto ou estudo das tradições, conhecimentos ou crenças de um povo, expressos em suas lendas, canções e costumes (mini Dic. Aurélio da Língua Portuguesa - 6ª. Edição: Ed. Positivo).

O folclore pode ser dividido em lendas e mitos. Muitos deles deram origem à festas populares, que ocorrem pelos quatro cantos do País.

De acordo com Zilbermann (1987), no Brasil utilizava-se intensamente a literatura estrangeira e as narrativas orais de cunho local não recebiam o devido valor. Foi através de Monteiro Lobato que as histórias locais receberam atenção. Lobato utilizava-se de certos personagens importantes como o “saci pererê” e relatos populares dos caipiras como “Jeca Tatu” através dos livros de estórias e lendas incorporados em suas narrativas:

Cansado de fábulas importadas ambientadas na Europa e traduzidas para o português de modo confuso, Monteiro Lobato imaginou um cenário especial e bem brasileiro para seus personagens. E para conquistar os leitores, contou suas histórias de maneira simples e direta, fáceis de compreender.
(CAMARGOS E SACCHETTA; O Saci, 2007: 6).

Em nosso País, o folclore recebe a influência determinante dos povos que já residiam em solo nacional. A exemplo desses povos podemos citar os índios, negros e brancos. Folclore é cultura e quem estuda as tradições folclóricas de um povo estuda a sua história. Alguns estudiosos consagrados no estudo dessa tradição foram: Luís da Câmara Cascudo, Jerusa Pires Ferreira e Veríssimo de Melo.

Monteiro Lobato apresenta os principais mitos do folclore brasileiro na edição do Livro “O Saci”, lançado pela primeira vez em 1921. Também contribuiu muito nas pesquisas etnográfica e na promoção do folclore brasileiro, destacando em suas narrativas o despertar de mitos e lendas que povoam a imaginação do povo brasileiro.

A lenda de acordo com a definição no site: “Mitos folclóricos brasileiro – Luka Almeida: 2009”: *“são estórias contadas por pessoas e transmitidas oralmente através dos tempos. Misturam fatos reais e históricos com acontecimentos que são frutos da fantasia. As lendas procuram dar explicação a acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais.”* Já o mito de acordo com o mesmo Autor:

são narrativas que possuem um forte componente simbólico. Como os povos da antiguidade não conseguiam explicar os fenômenos da natureza, através de explicações científicas, criavam mitos com este objetivo: dar sentido as coisas do mundo (site Luka Free: 2009)

A lenda da Iara de acordo com o site: “Mitos folclóricos brasileiros” (Luka Almeida: 2009) é de origem indígena. O autor retrata a Iara como jovem e guerreira e, segundo a lenda seu pai sempre a elogiava; fato que causava inveja aos irmãos. Certa vez, decidiram matar a moça enquanto ela dormia. Todavia, com habilidade incrível, ela

percebeu o que aconteceria e em legítima defesa matou os irmãos. Fugindo de casa com medo do pai ela foi exposta a um castigo quando foi encontrada. Eles a jogaram no Rio Negro e Solimões. Os peixes trouxeram a moça a superfície e na noite de lua cheia, a mesma se transformou em uma sereia de olhos verdes. Assim, ao entardecer ela aparece no rio e encanta os homens com sua beleza. Assim, dessa forma ela seduz os jovens na beira do rio e os leva para o fundo e quase sempre eles morrem afogados. Quando vivos ficam loucos e é necessário um ritual do pajé da tribo para desfazer o encanto.

A lenda do Saci Pererê também descrita pelo Autor do site acima, demonstra que o personagem foi criado pelos índios da região sul do Brasil, no fim do século XVIII. Ele vem descrito como um menino negro de uma perna só que permanece o tempo todo comum cachimbo na boca e um gorro vermelho na cabeça. Existem hipóteses sobre a descrição desse personagem. Uma delas diz que o Saci: é um menino endiabrado que bagunça tudo o que vê pela frente como azedar um leite, espantar o rebanho, quebrar agulhas, queimar a comida, esconder objetos, atropelar as galinhas e gorar os ovos das mesmas, além de muito mais. Outra estória desse personagem é de que ele é guardião das ervas medicinais. Morando na mata, o Saci cultiva suas plantas sagradas e as utiliza para fazer medicamentos curativos. Tais plantas só podem ser mexidas com autorização dele senão confunde a mente de quem se aproxima.

A criança de Lobato é aquela que é livre para dialogar e dar opiniões. Além disso, são protagonistas em seu cenário narrativo. Com esse maravilhoso escritor é que inicia-se a verdadeira literatura infantil brasileira. No campo da retórica, Monteiro Lobato teve o cuidado de utilizar-se de uma linguagem simples, sem qualquer rebuscamento e, no campo das idéias, sua obra apresenta problemas de origem social, político e econômico. Essa visão crítica de Lobato é o que traz o verdadeiro encantamento por seus leitores.

A escolha da obra “O Saci”, editado em 1921 enfocando os textos: “Medo de Saci” e “A Iara”, deveu-se ao conteúdo que aborda o folclore popular. A narrativa desses contos aponta os sentimentos e as curiosidades dos personagens em relação aos mitos do folclore popular. Há uma certa ênfase nas atitudes e aventuras do menino

Pedrinho, como precursor delas e símbolo de herói, enfrentando seus medos e descobrindo junto com o leitor os segredos da mata e suas incríveis criaturas.

O Saci aparece nessa obra com estatura de criança e atitudes brincalhonas e travessas. A História no livro “O Saci” é dividida em vinte e oito capítulos e narra desde a chegada do menino Pedrinho ao sítio para passar as férias com sua avó e sua prima até os vários encantamentos com os personagens dos mitos folclóricos.

Os personagens de Pedrinho e Narizinho encantaram as crianças de uma forma tão notável que despertam nos leitores um elo de aproximação com o universo infantil e mobilizam também os adultos, nas narrativas do Sítio do Pica Pau Amarelo.

Dona Benta, a avó das crianças do Sítio, representa a sabedoria e paciência aos pequenos; e, é ela quem incentiva os habitantes daquele sítio ao gosto pela leitura e narrativas antigas, trazendo um vasto elemento cultural para todos aqueles que escutam as suas histórias.

Na verdade, Monteiro Lobato renovou a cultura regional inserindo de maneira inovadora na literatura brasileira, representando vários elementos da natureza e introduzindo personagens que distantes do universo literário, conseguiram transformar o inexpressivo em belo e maravilhoso na linguagem infantil.

As experiências e o cotidiano do povo rural ganhou forma e dimensões antes nunca valorizadas pelos escritores brasileiros. Dessa forma, tal temática tornou-se preocupação constante e Monteiro Lobato tornou-se gênero nesse tipo de Literatura. Nas produções de Lobato ao usar personagens da cultura folclórica brasileira misturando-os com outros com predominância familiar como é o caso dos personagens do sítio, Lobato demonstra características nacionais como as travessuras de Pedrinho e da menina Narizinho, a Avó Dona Benta e a doméstica Tia Anastácia, que apesar da baixa escolaridade, tinha um grande conhecimento sobre as histórias folclóricas. Foram esses personagens que deram vida as criações de Lobato, além de muitos outros contados nos inúmeros livros editados por esse grande Mestre da Literatura brasileira.

Por fim, não se pode esquecer que um dos grandes destaques do escritor de Taubaté foi a imperiosa necessidade de propiciar referenciais a seus pequenos leitores não se limitando em informar, mas também em formar as crianças, unindo a tradição,

com fontes históricas, mitológicas e folclóricas, e a modernidade conseguida através de recursos de estilo pautados nos ideais devotados à educação e a questões da pátria.

Após uma breve explanação do tema em análise, no próximo item pretendemos discorrer sobre o papel da Literatura infantil na forma lúdica em que os textos de Lobato penetram no universo literário infantil.

1.1 - Literatura infantil – caráter lúdico e contribuição de Monteiro Lobato no ensino pedagógico literário.

De maneira geral podemos perceber através de estudos e pesquisas da parte histórica da Literatura Infantil que o tema é relativamente novo na produção de livros para as crianças.

Antes do final do século XVII não existia nada nessa seara que retratasse o universo literário infantil. Somente na metade do século XVIII surge a concepção literária para os pequenos; coincidindo a partir da necessidade gerada por interesses próprios estimulado pela formação da família, em um núcleo onde as relações de afeto começam a ser valorizadas.

Na segunda metade do século XVII, inicia-se uma maior preocupação com a literatura infantil e juvenil, a partir dessa época se destacam as fábulas de La Fontaine e Contos da Mãe Gansa de Charles Perrault, pioneiros nessa linha. A imaginação e a fantasia fazem parte desse novo universo literário.

Esses escritores foram pioneiros e marcaram o século XVII como o período na qual a literatura e a Educação começam a tomar formas.

A família como um todo, trouxe a valorização da infância num tempo diferenciado. A criança de hoje será o adulto de amanhã e a perpetuação da família e do nome de seus antepassados. Assim, ela começa a ser vista de modo especial, criando vínculos na sua geração com as pessoas mais velhas.

Na verdade, conforme relata (ZILBERMAN, 1987), é na infância que há a composição de dois sonhos. O do ideal da permanência do primitivo, uma vez que a criança é o bom selvagem, cuja naturalidade é necessário conservar e, em segundo lugar,

possibilita a expansão do desejo de superioridade por parte do adulto, que mantém sobre os pequenos um jogo inquestionável.

Dessa forma, as instituições educacionais projetavam essa imagem da criança colocando-as num recinto chamado “sala de aula”, onde todos eram iguados na proporção inferior, omitindo o lado social e colocando o professor como autoridade máxima.

Esse modelo de educação chamado de “burguês” retira o direito de expressão dos menores, transmitindo o conhecimento conforme o pensamento dos adultos (SANDRONI E MACHADO, 1991).

Assim, a literatura infantil também transmitia um ensinamento conforme a visão dos mais velhos, reproduzindo, na verdade o mundo do adulto em suas narrativas e veiculando conceitos e valores da sociedade que eram aceitos como o certo para a época.

O papel da escola é de extrema importância quando abre um espaço para a criança refletir com liberdade sobre sua própria condição, estreitando a ligação da Literatura Infantil com a pedagogia. Antigamente a literatura para as crianças eram adaptações dos clássicos e do folclore, bem como os contos de fada não voltados especificamente para a criança. No nosso País, a Literatura Infantil tem início com as obras pedagógicas, adaptadas de produções portuguesas, mostrando a dependência típica das colônias. Essa fase de início é representada por alguns autores, principalmente Alexina de Magalhães Pinto, Júlia Lopes de Almeida, Olavo Bilac e Tales de Andrade.

Essa importação de cunho literário perdurou até o início da produção nacional, que tímida a princípio, se baseava principalmente no conto folclórico, versões abasileiradas de textos de Perrault, Grimm e Andersen e da difusão de uma literatura de cunho patriótico, os famosos contos pátrios.

Dessa forma, esse posicionamento começa a mudar de rumo com a literatura infantil brasileira: José Bento Monteiro Lobato, figura que proporcionou o resgate da herança do passado no presente e o rompimento com os padrões internacionais abrindo as portas para a criatividade.

A função de Monteiro Lobato no quadro da Literatura Infantil tem sido seguidamente reiterado. É com ele que se modificam os padrões europeus principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica.

No contexto educacional, sabemos da importância dos textos de Lobato, na formação lúdica em que suas narrativas são contadas. São freqüentes os estudos que demonstram a necessidade e os benefícios que os jogos, brincadeiras e a literatura infantil representam como estímulos na imaginação dos aluno/leitor.

O pequeno leitor como ainda não tem condições de interpretar racionalmente os fenômenos naturais, aprende nas narrativas Lobatianas com a presença de seres irreais a preencher seu mundo de encantamento e fantasia.

As crianças adoram o espaço de liberdade e imaginação que o sítio representa, onde aprendem brincando sobre qualquer assunto. (CAMARGO E SACCETTA, 2007:07).

Nesse contexto aparece o livro de histórias como o mais forte apelo para os encontros desse pequeno leitor com o seu mundo imaginário, cheios de fantasias e sonhos decifrados através das fadas, heróis e seres sobrenaturais com os quais convive e dialoga.

Perrot (1998), demonstra que é possível a transferência de um significado pelo poder da imaginação, tendo nosso mundo concreto com ponto de partida para um mundo mais abstrato e subjetivo. Esse notável Autor alega que os livros animados suprem a insegurança das crianças que muitas vezes no mundo real aparece de forma sujeita a afastar o jovem leitor de suas ilusões e do mundo do faz-de-conta.

Assim, os livros aparecem nessa ótica decifrando sonhos e estimulando os pequenos a penetrarem nesse universo fictício e imaginário.

Dolto (1999) relata que a vida saudável de uma criança está intimamente relacionada com a diversão. Aos dois meses de vida a atividade lúdica desses pequenos seres com seus familiares já deve ser observada conforme a emissão de sons do bebê. Nessa época, relata a Autora, a criança vai se desenvolvendo mediante estímulos de jogos e objetos diversos do mundo que a rodeia, além de construir redes de analogia e correspondência com a realidade.

Assim, o repertório de histórias a contar na atividade educacional, pode ser mais amplo envolvendo várias obras e histórias e até costumes de uma comunidade, histórias do estado e do país, bem como as histórias ligadas à tradição cultural de alguns povos.

Nesse diapasão, o universo literário é demasiadamente amplo indo além de um espaço de significações aberto às emoções e aos sonhos, para um lugar extremamente favorável ao desenvolvimento e conceitos ligados à sociedade como um todo. No universo Lobatiano não há menção apenas aos personagens nacionais. Há também a valorização da cultura como um todo, trazendo em suas narrativas seres da mitologia grega, seres do espaço, capitães e sereias, que representam entes fictícios dentro do universo fantástico que envolve os habitantes do Sitio do Pica Pau Amarelo.

O meio empregado por Monteiro Lobato em relação à linguagem é transmitir um sentido fantástico ao leitor. Esse sentido lúdico aproxima a criança da fala e dá direito à sua visão pessoal sobre as coisas. A utilização de metáforas também está presente nos textos desse maravilhoso escritor. Esse mecanismo é muito produtivo para a capacidade de inventar estórias e expandindo a criatividade dos pequenos.

Para Lajolo (2000): “a obra infantil lobatiana é um projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil que a viu nascer e multiplicar-se”, revelando aos leitores um mundo fantástico incentivando a imaginação, curiosidade, independência, conhecimento e cultura.

Os recursos da escrita também estão presentes na obra de Lobato onde é possível detectar características que marcam a presença da oralidade, assumindo um perfil mais livre, conforme se verifica no texto a seguir:

- Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há – mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu.(...) (LOBATO, 2007, p. 20).

No trecho retirado de *O saci* (2007), na fala da Tia Anastácia retrata uma variação lingüística predominante da zona rural, de pessoas de baixa instrução escolar e que possui marcas da oralidade, relatando traços da cultura popular.

É nessa esfera que a obra desse maravilhoso escritor encanta uma vez que ele é capaz de retratar a cultura de maneira universal, abrangendo tanto as fábulas e a mitologia grega, e, em demasia, o folclore nacional, retomando mitos folclóricos, como o saci, e outros, dando voz a tia Nastácia, para que a cozinheira relate de maneira simples a vida e os costumes de seu tempo.

Por fim, não devemos esquecer da consciência nacionalista pregada por Lobato em suas narrativas e valorização do povo, chamando atenção aos problemas do País e sensibilizando a nação para as questões muitas vezes omitidas pelas autoridades brasileiras. Ao lermos os livros de Lobato não podemos esquecer que a linguagem e os temas discutidos dizem respeito aos problemas do Brasil de hoje, permitindo ao leitor infantil ter a seu dispor um mundo que lhe ofereça aprendizagem, conhecimento e espírito crítico.

2 - TEXTOS LENDÁRIOS DO FOLCLORE BRASILEIRO: “MEDO DE SACI” E “A IARA”, DE JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO

MEDO DE SACI

Pedrinho, naqueles tempos, costumava passar as férias no sítio de Dona Benta, onde brincava de tudo, como está nas *Reinações* e na *Viagem ao céu*. Só não está contado o que lhe aconteceu antes da famosa viagem ao céu, quando andava com a cabeça cheia de sacis.

A coisa foi assim. Estava ele na varanda com os olhos no horizonte, postos lá onde aparecia o verde-escuro do Capoeirão dos Tucanos, a mata virgem do sítio. De repente, disse:

- Vóvó, eu ando com idéias de ir caçar na mata virgem.

Dona Benta, ali na sua cadeirinha de pernas cotós, entretida no tricô, ergueu os óculos para a testa.

- Não sabe que aquela mata há onças? – disse com ar sério. – Certa vez uma onça-pintada veio de lá, invadiu aqui o pasto e pegou um lindo novilho da Vaca Mocha.

- Mas eu não tenho medo de onça, vovó! – exclamou Pedrinho, fazendo o mais belo ar de desprezo.

Dona Benta riu-se de tanta coragem.

- Olhem o valentão! Quem foi que naquela tarde entrou aqui berrando com uma ferrotoada de vespa na ponta do nariz?

- Sim vovó, de vespa eu tenho medo, não nego – mas de onça, não! Se ela vier do meu lado, prego-lhe uma pelotada do meu bodoque novo no olho esquerdo; e outra bem no meio do focinho, e outra...

- Chega! – interrompeu Dona Benta, com medo de levar também uma pelotada. – Mas além de onças existem cobras. Dizem que até urutus há naquele mato.

- Cobra? – e Pedrinho fez outra cara de pouco-caso ainda maior.

- Cobra mata-se com um pedaço de pau, vovó. Cobra!... Como se eu lá tivesse medo de cobra...

Dona Benta começou a admirar a coragem do neto, mas disse ainda:

- E há aranhas-caranguejeiras, daquelas peludas, enormes, que devoram até filhotes de passarinho.

O menino cuspiu de lado com desprezo e esfregou o pé em cima.

- Aranha mata-se assim, vovó – e seu pé parecia mesmo estar esmagando várias aranhas-caranguejeiras.

- E também há sacis – rematou Dona Benta.

Pedrinho calou-se. Embora nunca o houvesse confessado a ninguém, percebia-se que tinha medo de saci. Nesse ponto não havia nenhuma diferença entre ele, que era

da cidade, e os demais meninos nascidos e crescidos na roça. Todos tinham medo de saci, tais eram as histórias correntes a respeito do endiabrado moleque de uma perna só.

Desde esse dia ficou Pedrinho com o saci na cabeça. Vivia falando em saci e tomando informações a respeito. Quando consultou Tia Nastácia, a resposta da negra foi, de fazer o pelo-sinal e dizer “Credo!”:

- Pois saci, Pedrinho é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há – mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu.

- Quem?

- O Tio Barnabé. Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de todas as feitiçarias, e de saci, de mula-sem-cabeça, de lobisomem – de tudo.

Pedrinho ficou pensativo. (LOBATO, Monteiro. “O Saci”. Editora Globo, 2007, p. 19-20.)

Narrado em terceira pessoa, o texto “Medo de Saci” principia-se à maneira das narrativas conduzidas pelas aventuras de menino Pedrinho quando chega para passar as férias no sítio de Dona Benta e se envolve com assuntos provenientes da mata virgem do sítio, em especial “O Saci”.

O texto transcrito acima denota a curiosidade do menino Pedrinho em descobrir a respeito do moleque endiabrado de uma perna só, tais eram as inúmeras histórias a respeito desta figura.

Esse é mais um aspecto da obra de Lobato que assinala a existência de seres mitológicos provenientes das lendas contadas por pessoas onde o Sítio é o espaço onde ocorre a maior parte das ações e onde aparecem seres vindos de diversos lugares promovendo um verdadeiro encantamento voltado para as crianças, o que fica demonstrado a seguir:

Pedrinho, naqueles tempos, costumava passar as férias no sítio de Dona Benta, onde brincava de tudo, como está nas Reinações e na Viagem ao céu. Só não está contado o que lhe aconteceu antes da famosa viagem ao céu, quando andava com a cabeça cheia de sacis.

A coisa foi assim. Estava ele na varanda com os olhos no horizonte, postos lá onde aparecia o verde-escuro do Capoeirão dos Tucanos, a mata virgem do sítio. (LOBATO, “O Saci”, Editora Globo, 2007, p. 19)

Outra característica que pode ser percebida é o caráter metafórico do sítio, estando nele representado todos os anseios, curiosidades e figuras do folclore popular, apresentando, também, um sentimento de nacionalismo do Autor.

Na obra “O Saci”, o sítio aparece em todos os contos, significando o mundo imaginado por Lobato. Ele idealiza na escrita tudo o que ele queria para o nosso País,

expressando na figura simpática da Dona Benta um vasto elemento cultural, proveniente dos livros que ela lê, aliada a sabedoria popular da Tia Nastácia:

(...) Desde esse dia ficou Pedrinho com o saci na cabeça. Vivia falando em saci e tomando informações a respeito. Quando consultou Tia Nastácia, a resposta da negra foi, de fazer o pelo-sinal e dizer "Credo!":

- Pois saci, Pedrinho é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há – mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu (...). (LOBATO, "O Saci", Editora Globo, 2007, p. 20)

Graças a essa façanha do escritor em misturar a cultura com a sabedoria popular é que os textos se tornam de grande valia, seduzindo todos os leitores interessados em conhecer melhor a vida simples do sítio, desencadeando o prazer da leitura.

Através das constantes perguntas do menino Pedrinho, o texto é, inegavelmente transmissor de assuntos ligados a mata virgem do sítio, aos animais que povoam aquele mundo e os perigos para quem não conhece as profundezas do Capoeirão dos Tucanos. Nesse sentido, pode-se dizer que é uma literatura informadora, mas também formadora, na medida em que age sobre o seu leitor e espera influir em seu comportamento.

Assim, a informação retratada no texto evidencia um processo de raciocínio demonstrando que Monteiro Lobato respeitava a inteligência das crianças e dos jovens. Pedrinho, neto de Dona Benta questiona com ela os perigos vindos da Mata, dialogando com a avó e ensinando que é possível as crianças conversarem com os mais velhos de uma forma livre e respeitosa, sem que isso pareça uma desobediência:

- Sim, vovó, de vespa eu tenho medo, não nego – mas de onça, não! Se ela vier do meu lado, prego-lhe uma pelotada do meu bodoque novo no olho esquerdo; e outra bem no meio do focinho, e outra...

- Chega! – interrompeu Dona Benta, com medo de levar também uma pelotada. – Mas além de onças existem cobras. Dizem que até urutus há naquele mato (...)."

O clima da narrativa em "Medo de Saci" é predominantemente rural relatando os perigos da mata virgem do Capoeirão dos Tucanos e levando o leitor a conhecer uma das figuras do nosso folclore popular que é o "saci-pererê".

- E também há sacis – rematou Dona Benta. Pedrinho calou-se. Embora nunca o houvesse confessado a ninguém, percebia-se que tinha medo de saci. Nesse ponto não havia nenhuma diferença entre ele, que era

da cidade, e os demais meninos nascidos e crescidos na roça. Todos tinham medo de saci, tais eram as histórias correntes a respeito do endiabrado moleque de uma perna só. (LOBATO, O Saci, Globo, 2007 p. 20)

E é Pedrinho com sua curiosidade e dialogando com Dona Benta quem conduz os leitores, através da história, a descobrir vários habitantes da mata como a onça-pintada, cobras, urutus e aranhas-caranguejeiras. Quem lê o texto “Medo de Saci” fica sabendo um pouco sobre os segredos da mata que rodeia o Sítio.

Ao finalizarmos esse texto, é importante concluirmos que o Sítio na verdade, se converte em escola para as crianças quando passa a informá-las sobre a vida na zona rural, condicionando-as ao seu tempo e propondo um forte elemento pedagógico no universo literário infantil.

A Lenda da “lara”, também conduz o leitor a conhecer mais uma figura de nosso folclore popular, retratada de maneira inigualável por nosso querido Monteiro Lobato.

“A lara”

- Vamos à cachoeira onde mora a lara – disse. – Essa rainha das águas costuma aparecer sobre as pedras nas noites de lua. É muito possível que possamos surpreendê-la a pentear os seus lindo cabelos verdes com o pente de ouro que usa.

- Dizem que é criatura muito perigosa – murmurou Pedrinho.

- Perigosíssima – declarou o Saci. – Todo o cuidado é pouco. A beleza da lara dói tanto na vista dos homens que os cega e os puxa para o fundo d’água. A lara tem a mesma beleza venenosa das sereias. Você vai fazer tudo direitinho com o eu mandar. Do contrário, era uma vez o neto de Dona Bena!...

Pedrinho prometeu obedecer-lhe cegamente.

Andaram, andaram, andaram. Por fim chegaram a uma grande cachoeira cujo ruído já vinham ouvindo de longe.

- É ali – disse o perneta apontando. – É ali que ela costuma vir pentear-se ao luar. Mas você não pode vê-la. Tem de ficar bem quietinho, escondido aqui atrás desta pedra e sem licença de pôr os olhos na lara.

Se não fizer assim, há de arrepender-se amargamente. O menos que poderá acontecer é ficar cego.

Pedrinho prometeu, e de medo de não cumprir o prometido foi logo tapando os olhos com as mãos.

O Saci partiu, saltando de pedra em pedra, para logo desaparecer por entre as moitas de samambaias e begônias silvestres.

Vendo-se só, Pedrinho arrepender-se de haver prometido conservar-se de olhos fechados. Já tinha visto o Lobisomem, o Caipora, o Curupira, a Cuca. Por que não havia de ver a lara também? O que diziam do poder fatal de seus encantos certamente que era exagero. Além disso, poderia usar um recurso: espiar com um olho só. O gosto de contar a toda a gente que tinha visto a famosa lara valia bem um olho.

Assim pensando, e não podendo por mais tempo resistir à tentação, fez como o Saci: foi pulando de pedra em pedra, seguindo o mesmo caminho por ele seguido.

Súbito, estacou, como fulminado pelo raio. Ao galgar uma pedra mais alta do que as outras, viu, a cinqüenta metros de distância, uma ninfa de deslumbrante beleza, em repouso numa pedra verde de limo, a pentear com um pente de ouro os longos cabelos verdes cor do mar. Mirava-se no espelho das águas, que naquele ponto formavam uma bacia de superfície parada. Em torno dela centenas de vaga-lumes descreviam círculos no ar; eram a coroa viva da rainha das águas. “Jóia bela assim”, pensou Pedrinho, “nenhuma rainha da terra jamais possui.”

A tonteira que a vista da lara causa nos mortais tomou conta dele. Esqueceu até de seu plano de olhar com um olho só. Olhava com os dois, arregaladíssimos, e cem olhos tivesse, com todos os cem olharia.

Enquanto isso, ia o Saci se aproximando da mãe-d'água, cautelosamente, com infinitos de astúcia para que ela nada percebesse. Quando chegou a poucos metros de distância, deu um pulo de gato e *nhoque!* Furtou-lhe um fio de cabelo.

O susto da lara foi grande. Desferiu um grito e precipitou-se nas águas, desaparecendo.

O Saci não esperou por mais. Com espantosa agilidade de macaco, aos pinotes, saltando as pedras de duas em duas, de três em três, num momento se achou onde Pedrinho, ainda no deslumbramento da beleza, jazia de olhos arregalados, imóvel, feito uma estátua.

-Louco! – exclamou o Saci, lançando-se a ele e esfregando-lhe nos olhos um punhado de folhas colhidas no momento. – Não fosse o acaso ter posto aqui ao meu alcance esta planta maravilhosa e você estaria perdido para sempre. Louco, dez vezes louco, louquíssimo, que você é, Pedrinho! Por que me desobedeceu?

- Não pude resistir – respondeu o menino logo que a fala lhe voltou. – Era tão linda, tão linda, que me considerei feliz de perder até os dois olhos em troca do encantamento de contemplá-la por uns segundos.

- Pois saiba que cometeu uma grande falta. Não devia pensar unicamente em si, mas também na pobre Dona Benta, que é tão boa, e na sua mãe e em Narizinho. Eu, apesar de um simples saci, tenho melhor cabeça do que você, pelo que estou vendo... Aquelas palavras calaram no menino, que nada teve a dizer, achando que realmente o Saci tinha toda razão.

- Bem – continuou o duendezinho - , agora que o perigo já passou, trataremos de voltar à caverna da Cuca. E depressa, antes que amanheça. Lembre-se que prometemos a Dona Benta estar nos sítio com a menina sumida logo ao romper da manhã. (LOBATO , Monteiro; “*O Saci*”, Editora Globo, 2007, p. 66/68)

A narrativa de Lobato no texto acima em terceira pessoa permeia na aventuras do menino Pedrinho e peripécias do Sacia em torno de satisfazer as curiosidades a respeito da admirada lara, a rainha das águas.

Nas asas da imaginação, os leitores viajam com Pedrinho e o endiabrado saci nas cachoeiras mais famosa da mata dos Capoeirão dos Tucanos, só para ver e admirar a bela sereia de cabelos verdes da cor do mar:

Súbito, estacou, como fulminado pelo raio. Ao galgar uma pedra mais alta do que as outras, viu, a cinqüenta metros de distância, uma ninfa de deslumbrante beleza, em repouso numa pedra verde de limo, a pentear com um pente de ouro os longos cabelos verdes cor do mar. (LOBATO , Monteiro; “*O Saci*”, Editora Globo, 2007, p. 66/68)

O texto transcrito descreve com riqueza de detalhes a beleza da personagem lendária, em torno das características que compõe a bela sereia e, de início a trama de fundo que perpassa o conto, é o mistério que envolve a sereia e sua estória, parecendo caminhar para um desfecho trágico, não fosse o aconselhamento do danado saci que demonstra ter mais juízo que o menino Pedrinho.

- Pois saiba que cometeu uma grande falta. Não devia pensar unicamente em si, mas também na pobre Dona Benta, que é tão boa, e na sua mãe e em Narizinho. Eu, apesar de um simples saci, tenho melhor cabeça do que você, pelo que estou vendo... Aquelas palavras calaram no menino, que nada teve a dizer, achando que realmente o Saci tinha toda razão.

- Bem – continuou o duendezinho - , agora que o perigo já passou, trataremos de voltar à caverna da Cuca. E depressa, antes que amanheça. Lembre-se que prometemos a Dona Benta estar nos sítio com a menina sumida logo ao romper da manhã. (LOBATO , Monteiro; *“O Saci”*, Editora Globo, 2007, p. 66/68)

O saci foi escolhido como um símbolo de libertação e miscigenação por Monteiro Lobato. Valorizar personagens do nosso folclore como o saci-pererê e a iara, – todos habitantes das matas – seria uma forma de questionar os modelos dominantes de civilização e de exploração da natureza, principalmente nos dias de hoje onde se fala tanto em preservação do meio-ambiente e respeito às diversas raças e etnias.

A proteção ao meio ambiente e respeito as raças é uma exigência constitucional que deve ser cumprida pelo Estado e pela sociedade. Por ser considerado como um direito fundamental, sua proteção deve ser a mais efetiva possível. Em nosso país, o meio ambiente passou a ter uma tutela constitucional específica somente na Constituição Federal de 1988, que inseriu um capítulo disciplinando o tema, além de outros dispositivos legais.

Discorrendo sobre o tema, Jorge Alberto de Oliveira Marum afirma que o direito ao meio ambiente passa a ser irrevogável, eis que passa ele a se constituir em verdadeira cláusula pétrea do regime constitucional brasileiro. (MARUM, 2002.).

Também conforme podemos perceber a manutenção de traços da oralidade se manifesta em ambos os textos, levando os leitores ao imaginário e lúdico, com respeito às fantasias e ao sobrenatural, impondo um aspecto imaginário conforme a proposta relevante do Autor.

Por fim, nos contos narrados a força da natureza é o palco principal a determinar o enredo de suas histórias, esboçando um sentido lúdico de fantasia e imaginação onde

o Autor vem a traçar como elemento principal as aventuras do menino Pedrinho, afastando qualquer desfecho trágico e proporcionando ao leitor um caráter informador onde a proteção ambiental também faz parte do enredo.

3 - ANÁLISE DA ESTRUTURA NARRATIVA DOS CONTOS “MEDO DE SACI” E “A IARA” DE JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO

De maneira geral, todas as narrativas se compõem de cinco elementos básicos como o enredo, personagens, tempo, espaço e narrador (Cândida Vilares Gancho, 2002, p. 9). No caso dos contos, a autora os define como uma narrativa mais curta com características próprias de modo a reduzir o texto sem que isso o torne menos profundo.

Lobato consegue em suas pequenas narrativas captar a atenção do leitor explorando em pequenos textos um universo mágico e atraente.

Os temas abordados nos contos “Medo de Saci” e “A Iara”, referem-se aos mitos do folclore popular pela própria característica do gênero a que atribui o autor.

3.1 Enredo

Ao observarmos narrativas cujos alguns personagens são mitos, podemos identificar certas regularidades e características do tema que se refere aos mistérios que rondam o “Saci” e a personagem lendária “A Iara”.

O tema principal nos contos é as aventuras do menino Pedrinho quando está passando férias no Sítio da Avó e teima em descobrir os mistérios das figuras do folclore popular em especial “O Saci” e a sereia “Iara”.

O renomado Autor Monteiro Lobato, no conto “Medo de Saci”, retrata de maneira inigualável a vontade do menino em caçar na mata virgem do Capoeirão dos Tucanos e

os conselhos da avó a respeito dos perigos que a mata representa, onde expressa extrema preocupação com a valentia daquele pequeno garoto que nem de longe sonha em encontrar animais perigosos como onças, cobras e urutus.

O desenrolar da narrativa finalmente chega ao ponto principal quando a Avó comenta com o neto que há também sacis naquele lugar. Aí o garoto não consegue mais pensar em nada a não ser em descobrir como é, e como vivem os sacis da mata virgem do sítio. A propósito convém transcrever trecho do texto em análise:

(...) Desde esse dia ficou Pedrinho com o saci na cabeça. Vivia falando em saci e tomando informações a respeito. Quando consultou Tia Nastácia, a resposta da negra foi, depois de fazer o pelo-sinal e dizer “Credo!”:

- Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há – mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu. (LOBATO, José Bento Monteiro, O Saci Ed Globo: 2007, p. 20).

Lobato no conto “A lara” descreve de maneira remota um pouco a respeito desse mito proveniente do rico imaginário ribeirinho da Amazônia – onde os rios são fontes de vida e morte, traduzindo de forma fantástica a imagem da sereia, sem que isso represente algo ruim que venha a acontecer com o pequeno habitante do sítio chamado Pedrinho.

Ao contrário da lenda, a história transcorre de maneira ordenada demonstrando a coragem e valentia do menino ajudado pelo amigo Saci a encontrar a misteriosa rainha das águas. Pedrinho, demonstra valentia ao chegar na cachoeira e visualiza de perto a beleza da sereia, não obedecendo aos conselhos do amigo que, preocupadíssimo com o garoto, ordena que ele fique longe do alcance dela:

(...)- É ali – disse o pernetá apontando. – É ali que ela costuma vir pentear-se ao luar. Mas você não pode vê-la. Tem de ficar bem quietinho, escondido aqui atrás desta pedra e sem licença de pôr os olhos na lara. Se não fizer assim, há de arrepender-se amargamente. O menos que poderá acontecer é ficar cego. (LOBATO, O Saci Ed. Globo: 2007 p. 66)

Mas, o menino o desobedece e vai ao encontro desse mito que aparece de forma deslumbrante para ele, sem que ocorra um desfecho trágico no final do texto:

(...) Súbito, estacou, como fulminado pelo raio. Ao galgar uma pedra mais alta do que as outras, viu, a cinqüenta metros de distância, uma ninfa de deslumbrante beleza, em repouso numa pedra verde de limo, a pentear com um pente de ouro os longos

cabelos verdes cor do mar (...). (LOBATO, JOSÉ BENTO, "O Saci", Ed. Globo: 2007, p. 67).

3.2 Personagens

No conto "Medo de Saci", os personagens são nominados entre eles: O menino Pedrinho - protagonista da história, a Avó Dona Benta, a Tia Anástácia, o Saci e o Tio Barnabé.

No conto "A lara", os personagens são nominados entre eles: novamente o menino Pedrinho, o Saci e a sereia das águas "lara".

Pedrinho aparece em quase todo o texto como sendo o protagonista do enredo o herói que não tem medo de nada a não ser de "vespa". Tia Anástácia, no conto "Medo de Saci", como sempre aflita em relação a coisas sobrenaturais, seres da mata, sempre está disposta a fazer o sinal da cruz, demonstrando um nível intelectual às vezes inferior aos personagens infantis. A avó Dona Benta representa o adulto com experiência, maturidade e responsabilidade, disposta sempre a proteger os netos e aconselhá-los dos perigos da mata e de seres sobrenaturais, sem desempenhar uma função paterna ameaçadora.

O nobre Autor ainda procura incorporar às suas histórias personagens fantásticos como o Saci Pererê e a própria lara – integrando o universo infantil de seus personagens e leitores ao folclore popular.

Dessa Forma, no mundo fictício do Sítio do Picapau Amarelo em especial no primeiro conto acima, existem apenas dois seres mais velhos: Dona Benta e Tia Anastácia, sendo que a experiência e responsabilidade são atribuídas apenas a Avó. Os demais personagens são: a criança Pedrinho. O mito Saci Pererê, que na verdade reside na mata do Capoeirão dos Tucanos e significa um personagem fantástico proveniente dos relatos populares, assim como a sereia lara.

3.3 Tempo/Espaço

Do ponto de vista narrativo os contos “Medo de Saci” e “A lara”, acontece em um breve espaços de tempo, demonstrando as aventuras do menino Pedrinho e seus interesses pelos mistérios provenientes da mata virgem.

Quanto à época em que os fatos acontecem não é possível precisá-la. No que diz respeito ao espaço, nota-se que no primeiro conto o fato se dá no próprio Sítio do Picapau Amarelo:

Pedrinho naqueles tempos, costumava passar as férias no sítio de Dona Benta, onde brincava de tudo, como está nas Reinações e na Viagem ao Céu. Só não está contado o que lhe aconteceu antes da famosa viagem ao céu, quando andava com a cabeça cheia de sacis (...). (LOBATO, José Bento Monteiro, “O Saci”, Ed Globo: 2007, p. 19).

O espaço em que predomina no conto “A lara” é a cachoeira onde reside a sereia:

(...)Andaram, andaram, andaram. Por fim chegaram a uma grande cachoeira cujo ruído já vinham ouvindo de longe (...).(Lobato, José Bento Monteiro, “O Saci”, Ed. Globo: 2007, p. 66).

Na verdade, os contos refletem sempre a natureza e a paisagem rural do interior do Brasil, demonstrando que a vida simples do campo deve ser valorizada e os costumes de um povo preservados com o decurso do tempo.

3.4 Narrador

Os textos são narrados em terceira pessoa e apesar de curtos são intensos na medida em que o leitor curiosamente anseia em saber o que será que o garoto Pedrinho encontrará pela frente.

No texto “Medo de Saci”, ele ainda não conhece esse lendário ser mitológico do gorro vermelho que pula com uma perna só. Após os conselhos da avó, o menino curioso e valente planeja conversar com o Tio Barnabé sobre os seres da mata, finalizando o texto sem que o menino encontre com o tão falado saci pererê.

Guiado pelo amigo Saci, no conto “A Iara”, o leitor enfrentará junto com o garoto os perigos da mata e da cachoeira para conhecer de perto o mito de nosso folclore chamado de rainha das águas – A Iara. A famosa sereia é temida por todos e nessa hora o narrador dá ênfase aos perigos que a ninfa representa para quem olha para ela. Na verdade, os mistérios que envolvem os seres da natureza representam para o Autor o necessário respeito que o ser humano precisa ter para com o meio ambiente, e para com seus semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de Monteiro Lobato agem como um bálsamo na vida dos adultos e das crianças, na medida em que atuam na imaginação e exercem um domínio sobre a vida atual e futura, contribuindo através de seus textos dramáticos e fantásticos para um aproveitamento melhor na vida real. E, através da aprendizagem desses textos, a criança como um jogo aprende a pensar e refletir sem se sentir condicionada pelo que lhe é dito, mas motivada a exercitar a sua liberdade pelo costume da leitura. Os textos do folclore popular também são capazes de produzir o gosto pela leitura, trazendo um universo harmonioso entre os personagens e os seres mitológicos.

Sob o ponto de vista pedagógico aspira-se que a literatura tenha uma permanência e uma abrangência maior do que o simples “contar histórias”. A criança se informa e forma a sua personalidade indagando, refletindo e questionando os ensinamentos do livro.

Ao concluir este estudo, é importante ressaltar que a leitura além de informar é responsável por induzir o comportamento da criança, enriquecendo a sua cultura. A obra de Monteiro Lobato é rica e eterna, onde realidade e ficção executam duetos harmoniosos, fascinando todos os leitores e colaborando para um mundo melhor. E, como conclui os escritores CAMARGOS E SACCHETTA, no livro “O Saci”:

Ao contar aqui as peripécias do Saci com Pedrinho, Monteiro Lobato apresenta aos leitores os principais mitos do folclore brasileiro. E mostra que o molecote de uma perna só comete travessuras e nunca maldades. Com ele conseguimos enxergar o que pode ser visto apenas com os olhos da imaginação. (CAMARGOS E SACCHETTA, O Saci, Globo: 2007 p. 9)

REFERÊNCIAS

CAMARGOS E SACCHETTA, M. e V.; **“O Saci” – O inventor do nosso faz-de-conta;** Ed. Globo: 2007.

DOLTO, F. **As etapas decisivas da infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERREIRA, A. B.H., **mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, 6ª Ed. Editora Positivo – Curitiba – Paraná: 2008

GANCHO, Cândida V. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Ática, 2002. Série Princípios.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira. Histórias e Histórias.** São Paulo: Ática, 1985

LOBATO, J. B. M., **A onda verde** São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____ **A barca de Gleyre.** São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____ **O Saci:** Globo, 2007.

MARUM, J. A. O., **Meio ambiente e direitos humanos. Revista de Direito Ambiental,** São Paulo, Revista dos Tribunais, v. 7, nº 28, p. 134-135, out/dez. 2002.

PERROT, J. **Os “livros-Vivos” franceses: um novo paraíso cultural para nossos amiguinhos, os leitores infantis.** In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 1998.

SANDRONI, Laura C. e MACHADO, Luiz Raul (Org.). **A Criança e o Livro.** São Paulo, Ática, 1991.

sites visitados:

Lukafree: Mitos folclóricos brasileiro - [http:// lukafree.blogspot.com/2009/01](http://lukafree.blogspot.com/2009/01) – mitos folclóricos brasileiro. HTML

Lobato, Monteiro – Vida e obra – [http:// www.lobato.com.br/](http://www.lobato.com.br/)

[http:// www.artelivre.net/html/literatura](http://www.artelivre.net/html/literatura)

[http:// www.suapesquisa.com/folclore brasileiro/folclore.htm](http://www.suapesquisa.com/folclore_brasileiro/folclore.htm)